

PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO SOBRE AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: PRÁTICAS CORPORAIS E MARCADORES SOCIAIS^{1 2}

Jadeh Moura Vieira BASTOS³

Graduanda em Tecnologia em Gestão de Turismo
IFSP/Câmpus São Paulo

Daniel Teixeira MALDONADO⁴

Doutor em Educação Física/USJT
Docente da Diretoria de Humanidades
IFSP/Câmpus São Paulo

RESUMO

O objetivo deste estudo foi compreender as percepções dos estudantes do Ensino Médio que participaram de aulas de Educação Física sobre a cultura das práticas corporais e os marcadores sociais que se relacionam com as danças, lutas, ginásticas, esportes, jogos e brincadeiras. Para tanto, foram utilizadas narrativas escritas de quatro estudantes do Instituto Federal do São Paulo — Câmpus São Paulo. Os resultados foram interpretados pelo método de análise de conteúdo. Esta pesquisa mostrou que os discentes do Ensino Médio vivenciaram práticas corporais de diferentes culturas, além de debater e analisar os aspectos sociais, econômicos e políticos que atravessam as manifestações da cultura corporal.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Cultura das Práticas Corporais, Marcadores Sociais.

Introdução

A introdução da Educação Física no Brasil sofreu influências de instituições militares e médicas, já que após o golpe militar de 1964, as aulas do componente curricular passaram a ser uma ferramenta de propaganda do governo, pois o esporte e os seus valores foram utilizados para ampliar o patriotismo da população. Consoante aos mecanismos aplicados a época, as aulas eram organizadas separando meninos e

¹ Trabalho resultante de Iniciação Científica. Orientador Prof. Dr. Daniel Teixeira Maldonado.

² Antes da realização da coleta de dados, essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de São Paulo.

³ Endereço eletrônico: jadeh82@hotmail.com

⁴ Endereço eletrônico: danielmaldonado@ifsp.edu.br

meninas, que podiam vivenciar apenas as modalidades esportivas mais “adequadas para o seu perfil biológico” (BRACHT, 1999).

Sem generalizar, até esse momento, a maioria das aulas de Educação Física Escolar visava à constituição de equipes esportivas para representar o país e disseminava um discurso ingênuo, segundo o qual a prática de esportes poderia ser considerada saudável, em qualquer situação.

Entretanto, quando na década de 1980 acontece a redemocratização do Brasil, as Ciências Sociais e Humanas passam a influenciar a construção das teorias pedagógicas da Educação Física. Neste contexto, começa a ser denunciada a ausência da reflexão pedagógica sobre as aulas do componente, além disso, são publicadas de propostas que visavam desenvolver o pensamento crítico dos estudantes (MALDONADO; SILVA, 2018).

Mesmo possuindo especificidades, com o objetivo de que os alunos e as alunas da Educação Básica conseguissem problematizar a realidade em que vivem (CASTELLANI FILHO et al., 2009; KUNZ, 2006), essas propostas pedagógicas ofereciam uma organização didático-pedagógica com vista a fomentar a compreensão dos discentes sobre aspectos políticos, econômicos, sociais, históricos, fisiológicos e biológicos relacionados com as práticas corporais (danças, lutas, ginásticas, jogos, brincadeiras e esportes).

Mais recentemente, Neira e Nunes (2008, 2009) colocaram em circulação uma proposta nomeada por um coletivo de educadores e educadoras como currículo cultural. Para os autores, essa perspectiva curricular possui como objetivos: reconstruir criticamente as práticas corporais, problematizar os discursos sobre elas e seus representantes, e promover o diálogo com as diferenças.

Os marcadores sociais de raça, gênero, etnia e geração, relacionados com as práticas corporais, começam a fazer parte dos conhecimentos problematizados pelos docentes nas aulas de Educação Física no momento em que estes se inspiram na teorização pós-crítica da educação.

A partir desse fato, as relações de poder relacionadas às desigualdades socioeconômicas reproduzidas na sociedade capitalista não são mais o centro das reflexões dos professores e das professoras nas escolas. O marcador de classe social relacionado com as manifestações da cultura corporal, porém, ainda é problematizado.

Após a formulação dessas diferentes propostas pedagógicas, principalmente no início do século XXI, os professores e as professoras de Educação Física passam a publicar relatos de experiências sobre os projetos educativos que eles e elas desenvolvem em suas aulas. Muitas dessas experiências educativas possuem como campo de inspiração as perspectivas curriculares crítico-superadora, crítico-emancipatória e cultural (MALDONADO; NEIRA, 2019).

Experiências pedagógicas descritas pelos professores e pelas professoras de Educação Física dos Institutos Federais

Após a consolidação dos Institutos Federais como uma política pública educacional que valoriza a carreira docente, uma série de experiências educativas foi publicada na literatura da área de Educação Física sobre a prática político-pedagógica dos professores e das professoras desse componente curricular.

Adriano Gonçalves Silva (2018) descreveu como tematizou o *trekking* nas suas aulas de Educação Física organizadas no CEFET-MG — Câmpus Curvelo. Nesse projeto educativo, os alunos e as alunas vivenciaram essa prática corporal, organizaram uma viagem para outra cidade com a intenção de experimentar o *trekking* não competitivo de longa distância, e refletiram sobre a relação das pessoas que realizaram diferentes manifestações da cultura corporal na natureza, tais como montanhismo, rapel, escalada, *caving*, *rafting*, *mountain bike* e *slackline*, possibilitando um diálogo entre cultura, educação e meio ambiente.

Barra (2018) tematizou os esportes alternativos no CEFET — MG — Câmpus Nepomuceno. Os alunos e as alunas pesquisaram e vivenciaram o *Dodgeball*, o *Corfebol*, o *Goalball*, o Quadribol, o Quimbol, o *Speed-minton*, o *Spikeball* e o Tapembol. Depois dessas experiências, a docente problematizou com os estudantes e as estudantes o paradigma de que as mulheres não possuem condições físicas e nem habilidades para praticar esportes do mesmo modo que os homens, além de analisar a participação de pessoas com diferentes características nessas manifestações da cultura corporal.

Pretendendo problematizar as relações de gênero com as danças, Tavares (2018) organizou uma experiência educativa no Instituto Federal de Minas Gerais — Câmpus

Ouro Branco. A professora nomeou o projeto como “A mulher na dança”. Durante as aulas, os estudantes e as estudantes analisaram como as letras e os cliques de algumas músicas de diferentes ritmos tratavam a mulher como um objeto, sempre ligado ao prazer do homem. Notou-se que, nas músicas analisadas, as meninas eram sempre tratadas como “gostasas”, sem deixar de lado a “beleza” e a “graciosidade”, como se essas características tivessem relação com a “essência feminina”, e que as mulheres, na maioria das músicas analisadas, são desvalorizadas. Após esse debate relatado, outros estudantes apresentaram suas pesquisas sobre essa temática em seminários denominados “O corpo que dança, o Corpo da escola”, possibilitando maiores reflexões sobre a espetacularização dos corpos femininos durante a realização das práticas corporais.

Outra experiência educativa sobre as danças foi desenvolvida por Diniz (2018) no Instituto Federal de São Paulo — Câmpus Capivari. A partir de um projeto interdisciplinar, organizado pelo coletivo da escola, intitulado “Cultura e identidade local”, a professora, almejando valorizar os saberes da comunidade por meio da dança, tematizou as danças populares que se manifestavam em Capivari e região. Após o levantamento das práticas em conjunto com os alunos e as alunas, foram vivenciados o batuque de umbigada, o samba de roda, o samba de lenço, as cirandas e o maculelê. Durante essa experiência, os discentes e as discentes conheceram a história das danças, suas principais características, seus passos básicos, como são as suas vestimentas e músicas, além dos elementos culturais e sociais que estão por trás dessas práticas corporais. Ao final do projeto, todos e todas apresentaram as danças vivenciadas na festa caipira organizada pela instituição escolar.

As brincadeiras populares também foram tematizadas nos projetos educativos descritos pelos professores e professoras das instituições federais de ensino. Fernando Dias Oliveira e Daniel Teixeira Maldonado (2018) demonstraram como um docente do Instituto Federal de São Paulo — Câmpus Cubatão desenvolveu as suas aulas refletindo com os alunos e as alunas sobre essas práticas corporais. Após observar o entorno da escola e os comentários dos estudantes sobre as suas infâncias, o professor assistiu e debateu com os jovens o documentário “Território do Brincar”, que aborda a diversidade de brincadeiras e jogos de diferentes grupos sociais. Após esse debate, os discentes e as discentes decidiram construir pipas durante as aulas de Educação Física. Para finalizar a experiência, foi organizada a “1ª Semana de Educação Física: a cultura

corporal e suas múltiplas inserções na sociedade", que foi composta por mesas e debates, além da realização de jogos e oficinas temáticas sobre diversas manifestações da cultura corporal.

Alencar Filho (2018) desenvolveu práticas corporais africanas e afro-brasileiras no Instituto Federal do Pará — Câmpus Tucuruí. Durante a experiência pedagógica, os estudantes e as estudantes vivenciaram jogos de tabuleiro e brincadeiras de matriz africana, como o maculelê, a capoeira e a dança do siriá. Ao final do projeto, identificou-se que os alunos e as alunas diminuíram o preconceito e a resistência de vivenciar e compreender as manifestações da cultura corporal africanas e afro-brasileiras, possibilitando que esses jovens respeitassem as diferenças e valorizassem a cultura africana.

Na revisão de literatura realizada, ainda encontramos experiências educativas realizadas: no Instituto Federal do Pará — Câmpus Rural de Marabá; no Instituto Federal de São Paulo — Câmpus São Paulo; Instituto Federal do Sul de Minas Gerais — Câmpus Muzambinho; no Instituto Federal do Rio Grande do Sul — Câmpus Rolante. Nestas experiências, os professores e as professoras de Educação Física tematizaram as lutas, as danças, as ginásticas, os jogos e as brincadeiras em suas aulas, além de problematizar os marcadores sociais que atravessam essas práticas corporais (MALDONADO; TONACIO; NOGUEIRA, 2018; VIEIRA; FREIRE; RODRIGUES, 2018; CORSINO, 2019; NOZAKI; PASCOS; BRANT, 2019).

Assim sendo, já temos evidências na literatura que os professores e as professoras de Educação Física que lecionam nos Institutos Federais estão desenvolvendo projetos educativos inspirados pelas propostas curriculares mais progressistas do componente curricular. Entretanto, poucas pesquisas com a intenção de compreender quais conhecimentos esses jovens estão acessando foram realizadas com os estudantes que estão participando dessas aulas. Assim, surge a seguinte pergunta: quais conhecimentos são aprendidos pelos estudantes do Ensino Médio sobre a cultura das práticas corporais e os marcadores sociais que atravessam essas manifestações da cultura corporal durante as aulas de Educação Física?

Portanto, o objetivo desse estudo foi compreender as percepções dos estudantes do Ensino Médio que participaram de aulas de Educação Física sobre a cultura das

práticas corporais e os marcadores sociais que relacionam com as manifestações da cultura corporal.

Procedimentos metodológicos

Para atingir os objetivos propostos nesse estudo foi realizada uma pesquisa qualitativa com método do tipo exploratório descritivo (GIL, 2008). Participaram da pesquisa quatro estudantes do Ensino Médio integrado ao Ensino Técnico, do Instituto Federal de São Paulo – Câmpus São Paulo, que tiveram aulas de Educação Física com um docente que, por um período de dois anos, tematizou as ginásticas, as danças, as lutas, os esportes, os jogos e as brincadeiras de diferentes culturas e problematizou os marcadores sociais relacionados com essas práticas corporais. Esses jovens foram convidados para colaborar com o estudo porque participaram efetivamente das aulas de Educação Física durante esse tempo.

Para obter as informações necessárias à realização do estudo foi solicitado, aos discentes e às discentes, que produzissem memoriais descritivos de acordo com as orientações de Lisandra de Oliveira Silva e Vera Regina Oliveira Diehl (2010). Nesses documentos, os jovens e as jovens descreveram todas as recordações que tinham sobre as aulas desse componente curricular no Ensino Médio. Após a explicação da forma que o memorial deveria ser realizado, os alunos e as alunas tiveram um período de dois meses para enviar, para os pesquisadores, o material produzido.

A análise das informações obtidas a partir da aplicação do instrumento apresentado foi feita a partir da análise de conteúdo (BARDIN, 1977).

Resultados e discussão

Os resultados dos memoriais descritivos mostraram que os estudantes e as estudantes vivenciaram, durante as aulas de Educação Física, práticas corporais de diferentes culturas e que refletiram sobre os aspectos sociais que possuem relação com essas práticas corporais.

Nesse sentido, foram tematizadas as atividades circenses, as ginásticas, a musculação, as brincadeiras quilombolas, os jogos africanos e indígenas, o *krav magá*, o

hip hop, a dança de rua, a capoeira, o *tchoukball*, o jongo, o *kung fu*, o futebol, os esportes para pessoas com deficiência, a musculação e o boxe, como podemos identificar nos memórias descritos pelos estudantes.

Aluno 1 - E foi assim que fizemos, já que no primeiro ano praticamos ginástica, fundamentos circenses etc., mas foi no terceiro ano do Ensino Médio, quando voltamos a ter aula com o professor, que vivenciamos o Tchoukball: “o esporte da paz”.

Aluno 1 - Todos na sala pequena, com cinquenta pessoas dentro, em uma roda apertada, estávamos sem jeito de começar a dançar o jongo, a cabeça quase ainda estava nas provas que acabávamos de terminar, o corpo se levando por simples inércia; quando, junto ao som do berimbau e o pandeiro em minhas mãos, começamos a cantar ladainhas, dar os primeiros passos da jinga, da palma e dos fundamentos básicos. Parecia que meu cérebro voltou ao lugar, pude me sentir vivo, pude deixar expressar o que a tanto tempo estava comprimido ou negado, me senti feliz.

Aluno 2 - São tantas as experiências marcantes que só posso me lembrar de algumas. O jogo de Tchoukball, as aulas com os jogos indígenas e africanos, a visita dos quilombolas, a experiência de luta com o professor Marcos, a visita ao museu do futebol.

Aluno 3 - Mas, além disso, o que mais me marcou neste ano foi uma espécie de projeto em que aprenderíamos jogos e brincadeiras “diferentes”, e, no final, tivemos de nós mesmos montarmos um jogo ou brincadeira novo. Isso foi marcante pois aprendemos vários esportes das olimpíadas para pessoas com deficiência, como, por exemplo, um tipo de basquete sentado e um outro esporte para cegos.

Por conseguinte, os discentes e as discentes refletiram sobre os marcadores sociais de gênero, etnia e classe social relacionados com as práticas corporais, que resultaram na visibilidade e discussão de como é a participação feminina no esporte e a diferença salarial entre homens e mulheres, sendo citada como referência a atleta Serena Willians. Além disso, foi problematizado o preconceito racial no esporte, a realidade dos espaços públicos de lazer e a relação entre esporte e capital econômico.

Aluno 1 - Pelo que me lembro, fizemos “rodas de conversas” e escrevemos sobre a participação feminina no esporte, sobre as diferenças salariais e de divulgação entre o esporte masculino e o feminino, refletindo sobre a participação das meninas nas “aulas de Educação Física”. Uma das primeiras atividades que fiz foi sobre a participação feminina no tênis e preconceito racial no esporte. Escrevi uma crônica junto com minha colega sobre a Serena e a Vênus

Willians. Expondo a diferença nos prêmios de campeonatos de tênis e os comentários ofensivos a Serena Willians que é negra.

Aluno 2 - Lembro-me de um período em que estudava no conservatório de música. Na ocasião comentei com um professor que não conseguia entender dança como uma manifestação artística, não era capaz de enxergar movimentos ordenados como reflexo de sentimentos, e fiquei ainda algum tempo sem entender. Arrisco dizer que talvez só consegui ter esta percepção em uma aula sobre capoeira, pela primeira vez enxerguei sobre o corpo de Fabinho o peso de uma cultura, de uma história esquecida pelas elites intelectuais.

Aluno 3 - Em 2018, meu segundo ano tendo aula com o professor e meu terceiro ano no instituto, tivemos várias práticas realizadas também com o intuito de mostrar diferentes culturas. Tiveram dias que trabalhamos com jogos típicos de vários lugares diferentes, e aprendemos sobre as respectivas culturas e alguns costumes. Além disso, o professor conseguiu montar várias oficinas nas quais levou profissionais/pessoas que viviam com o que ele queria nos apresentar para que conhecêssemos mais do que vemos num simples artigo de internet; ele nos mostrou a realidade. Dentre essas oficinas, posso citar como exemplo a oficina de boxe, onde um professor do instituto que também é boxeador levou seus materiais e nos contou histórias de sua carreira, a oficina de capoeira, a de dança de rua, entre outras.

Aluno 4 - O professor sempre tentava trazer alguns jornais que tinham manchetes relacionadas principalmente com esporte e a situação política do país (principalmente durante o primeiro ano do ensino médio, em 2016), comecei a me interessar muito em leituras científicas e sempre que eu podia pesquisava a respeito de alguns assuntos discutidos em sala na scielo ou no google acadêmico.

Aluno 4 - Me recordo plenamente do momento em que conheci em sala de aula a ilustre e incrível figura de Serena Willians, como poderia ser tão extraordinária e mesmo assim não tão conhecida e comentada por nós? A resposta é simples, o mundo e em consequência o esporte são machistas. As mulheres não estão inclusas dentro do *contrato social*, o mundo é regido por homens e para homens. Antes de tudo, um contrato sexual foi firmado e desde então as mulheres são vistas como propriedade. Isso se reflete em todas as áreas, o esporte é machista e não comemora muito menos propaga os feitos das mulheres. Discutir feminismo e principalmente o feminismo negro me impactou muito como aluna, através de muitas coisas que ousei ler pude tomar mais conhecimento e entender melhor como as mulheres são excluídas socialmente na maior parte do tempo e vistas como um puro pedaço de carne até mesmo no esporte.

Ressaltamos que, no Brasil, o conhecimento disseminado pelos docentes e pelas docentes nas escolas parte, predominantemente, de perspectivas e identidades da cultura

européia e estadunidenses (MOREIRA, 2001). Assim, nas aulas de Educação Física, práticas corporais como o futebol, o vôlei, o handebol e o basquetebol, são temas hegemônicos. Portanto, quando os jovens vivenciam a gestualidade de manifestações da cultura corporal de diferentes culturas e refletem sobre as relações de gênero, raça e classe social que se relacionam com essas práticas, eles e elas podem realizar uma leitura de mundo mais ampla da realidade, reconhecendo e valorizando as diferenças entre as pessoas em uma sociedade multicultural.

Na nossa perspectiva, fazer a leitura de mundo sobre a cultura das práticas corporais significa estimular que o estudante e a estudante conquistem uma visão crítica e dinâmica da realidade, permitindo que ele e ela desvelem os seus cotidianos a partir dos conhecimentos construídos e reconstruídos nas aulas, possibilitando o ser-mais (FREIRE, 2016).

Nesse contexto, a partir das reflexões realizadas por Luiz Fernandes Oliveira e Vera Maria Ferrão Candau (2010), consideramos que os sistemas de ensino e o espaço acadêmico privilegiaram apenas os conhecimentos produzidos pelo Ocidente como os únicos verdadeiros e legítimos, proporcionando um espécie de racismo epistêmico. Para modificar essa realidade, os professores e as professoras de Educação Física precisam tematizar práticas corporais de diferentes culturas, além de problematizar os conhecimentos relacionados com essas manifestações da cultura corporal, desenvolvendo uma pedagogia intercultural e antirracista em suas aulas.

Considerações finais

Essa pesquisa mostrou que os estudantes e as estudantes do Ensino Médio vivenciaram os gestos das práticas corporais de diferentes culturas, além de debaterem e analisarem os aspectos sociais, econômicos e políticos relacionados com as manifestações da cultura corporal, possibilitando outras formas de ver e entender o mundo.

Também é possível mencionar que esse grupo de estudantes participou de aulas de Educação Física influenciadas pelas teorias críticas e pós-críticas (SILVA, 2015), onde o objetivo central do componente curricular está relacionado com a tematização

das práticas corporais e a problematização dos marcadores sociais que atravessam as manifestações da cultura corporal.

Por um lado, temos clareza de que não é possível generalizar os dados produzidos nessa pesquisa para todas as instituições escolares brasileiras, até por conta do número reduzido de estudantes que participaram do estudo. Por outro, a produção acadêmica da Educação Física começa a mostrar que outras práticas corporais estão sendo tematizadas, e diversificados conhecimentos, problematizados, nas aulas do componente curricular na Educação Básica, possibilitando que crianças, adolescentes, adultos e jovens reconheçam a importância dessas experiências para a sua formação humana. Especificamente sobre a percepção dos estudantes sobre as aulas de Educação Física nos Institutos Federais, essa nova realidade já pode ser observada na pesquisa publicada por Sá (2019).

Sugerimos que novos estudos possam ser conduzidos nas instituições federais de ensino, onde pesquisadores e pesquisadoras possam utilizar outros instrumentos de pesquisa, tais como entrevista, grupo focal e observação das aulas, criando a possibilidade de compreender sobre os aprendizados que os estudantes adquirem nas aulas do componente de forma mais ampla e, por consequência, produzir novos conhecimentos sobre as aulas de Educação Física no Ensino Médio.

Referências

ALENCAR FILHO, Antonio. A cultura corporal afro e afro-brasileira como identidade cultural: no Instituto Federal do Pará — Campus Tucuruí. *In*: SARMENTO, Maria do Perpétuo Socorro (org.). **Experiências de intervenção pedagógica na Educação Física Escolar**. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2018. p. 17-38.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARRA, Andréa de Oliveira. Compartilhando Experiências nas aulas de Educação Física no CEFET — Campus Nepomuceno. *In*: NOGUEIRA, Valdilene Aline; MALDONADO, Daniel Teixeira; FARIAS, Uirá de Siqueira (org.). **Educação Física Escolar no Ensino Médio: a prática pedagógica em evidência**. Curitiba: CRV, 2018. p. 147-158. v. 2.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. **Cadernos Cedes**, Campinas, ano 19, n. 48, p. 69-88, 1999.

CASTELLANI FILHO, Lino *et al.* **Metodologia do Ensino da Educação Física**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

CORSINO, Luciano Nascimento. Educação Física no Ensino Médio: discutindo sobre jogos com jovens estudantes de um Instituto Federal no Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Educação Física Escolar**, ano 5, v. 2, p. 96-109, 2019.

DINIZ, Irla Karla dos Santos. Dança nas aulas de Educação Física: dando voz ao corpo no IFSP — Capivari. *In*: NOGUEIRA, Valdilene Aline; MALDONADO, Daniel Teixeira; FARIAS, Uirá de Siqueira (org.). **Educação Física Escolar no Ensino Médio: a prática pedagógica em evidência**. Curitiba: CRV, 2018. p. 133-146. v. 2.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. São Paulo: Cortez, 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 7. ed. Ijuí: Unijuí, 2006.

MALDONADO, Daniel Teixeira; NEIRA, Marcos Garcia. Didática(s) da educação física escolar: colocando em evidência histórias que não se contam. *In*: ENCONTRO PENSANDO A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 2, 2019, Belo Horizonte. Anais [...]. Belo Horizonte: IFMG: UFMG, 2019.

MALDONADO, Daniel Teixeira; SILVA, Sheila Aparecida Pereira dos Santos. Fundamentação teórica da Educação Física em propostas curriculares da escola pública de São Paulo: uma análise das abordagens pedagógicas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, ano 2018, v. 34, p. 1-20, 2018.

MALDONADO, Daniel Teixeira; TONACIO, Larissa Vicente; NOGUEIRA, Valdilene Aline. Educação Física Escolar e saúde: relatando uma experiência pedagógica no Ensino Médio. *In*: NOGUEIRA, Valdilene Aline; MALDONADO, Daniel Teixeira; FARIAS, Uirá de Siqueira (org.). **Educação Física Escolar no Ensino Médio: a prática pedagógica em evidência**. Curitiba: CRV, 2018. p. 97-118. v. 2.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. A recente produção científica sobre currículo e multiculturalismo no Brasil (1995-2000): avanços, desafios e tensões. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 18, p. 65-81, 2001.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. **Pedagogia da cultura corporal: crítica e alternativas**. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2008.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. **Educação Física, Currículo e Cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.

NOZAKI, Joice Mayumi; PASCOS, Graziela; BRANT, Tuffy Felipe. A ressignificação da Educação Física Escolar no Ensino Médio técnico-integrado. **Revista Brasileira de Educação Física Escolar**, ano 5, v. 2, p. 128-145, 2019.

OLIVEIRA, Fernando Dias; MALDONADO, Daniel Teixeira. Educação Física Escolar no Ensino Médio: estímulo ao pensamento crítico e à formação da cidadania dos estudantes. *In*: MALDONADO, Daniel Teixeira; NOGUEIRA, Valdilene Aline; FARIAS, Uirá de Siqueira (org.). **Os professores como intelectuais**: novas perspectivas didático-pedagógicas na Educação Física Escolar brasileira. Curitiba: CRV, 2018. p. 265-280.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 15-40, 2010.

SÁ, Kátia Regina de. **Currículo do Ensino Médio integrado do IFMG**: a partitura, a polifonia e os solos da Educação Física. 2019. Tese (Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

SILVA, Adriano Gonçalves. Trekking como conteúdo da Educação Física no Ensino Médio: diálogos entre cultura, educação e meio ambiente. *In*: MALDONADO, Daniel Teixeira; NOGUEIRA, Valdilene Aline; FARIAS, Uirá de Siqueira. **Educação Física Escolar no Ensino Médio**: a prática pedagógica em evidência. Curitiba: CRV, 2018. p. 143-157.

SILVA, Lisandra de Oliveira; DIEHL, Vera Regina Oliveira. Da construção dos procedimentos metodológicos à produção de conhecimento: compartilhando experiências a partir da narrativa escrita. *In*: MOLINA NETO, Vicente; BOSSLE, Fabiano (org.). **O ofício de ensinar e pesquisar na Educação Física Escolar**. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 94-122.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

TAVARES, Marie Luce. Se ela dança, eu... e quem mais dança? – a dança como conteúdo da Educação Física e o convite à discussão de gênero. *In*: MALDONADO, Daniel Teixeira; NOGUEIRA, Valdilene Aline; FARIAS, Uirá de Siqueira (org.). **Educação Física Escolar no Ensino Médio**: a prática pedagógica em evidência. Curitiba: CRV, 2018. p. 213-230.

VIEIRA, Pollyane Barros Albuquerque; FREIRE, Elisabete dos Santos; RODRIGUES, Graciele Massoli. Folguedos juninos: o ensino da dança sob a perspectiva das dimensões dos conteúdos. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 30, n. 55, p. 248-257, 2018.

HIGH SCHOOL'S STUDENTS PERCEPTIONS ABOUT PHYSICAL EDUCATION CLASSES: PHYSICAL PRACTICES AND SOCIAL MARKERS

ABSTRACT

The goal of this paper was to comprehend the perception that high school's students – that participated in Physical Education classes – have about the culture of physical practices and

the social markers that are related to dances, fights, gymnastics, sports, games and playing. To do so, four written narratives of students from Instituto Federal de São Paulo — Câmpus São Paulo were used. The results were analyzed through the content analysis method. This research has shown that the high school students have experienced physical practices of different cultures, besides debating and analyzing the social, economical and political aspects that cross the physical culture manifestation.

Keywords: *Physical Education Classes; Physical Practices Culture; Social Markers.*

Envio: novembro/2019

Aceito para publicação: dezembro/2019